

# O GÊNERO *ESCALLONIA* MUTIS EX LINNAEUS FILIUS (SAXIFRAGACEAE) NO RIO GRANDE DO SUL

Maria Salete Marchioretto\*

## ABSTRACT

*The present paper is a contribution to the taxonomic study on the 4 species of genus **Escallonia** Mutis ex Linnaeus filius, found in Rio Grande do Sul state, Brazil.*

*The author presents descriptions, key for identification of species, pictures, maps and comments on the geographic distribution and above all, discussions on similarities and differences of the species.*

## RESUMO

*O presente trabalho é uma contribuição para o conhecimento de 4 espécies do gênero **Escallonia** Mutis ex Linnaeus filius no Rio Grande do Sul, Brasil.*

*A autora apresenta descrições, chave para identificação das espécies, estampas, mapas e comentários sobre a distribuição geográfica e, sobretudo, discussões referentes às semelhanças e diferenças destas espécies.*

---

\* Bióloga e Pesquisadora do Instituto Anchieta de Pesquisas / UNISINOS.  
Endereço: Praça Tiradentes, 35, Caixa Postal 275, 93001-970 São Leopoldo, RS, Brasil.

Pesquisas	Botânica	Nº 43	1992	p.223-250
-----------	----------	-------	------	-----------

## INTRODUÇÃO

A família Saxifragaceae A.L. Jussieu (1789), está constituída por cerca de 80 gêneros e mais ou menos 1.500 espécies dispersas por todo o mundo, mas predominando nas regiões temperadas do hemisfério norte (BARROSO, 1984).

O gênero *Escallonia*, exclusivamente americano, conta com 39 espécies e muitas variedades (SLEUMER, 1968).

No Brasil somente o gênero *Escallonia* com cerca de 9 espécies está representado em nossa flora. Cultivam-se espécies dos gêneros exóticos como: *Deutzia*, *Hydrangea*, *Brexia*, *Ribes*, *Philladelphus* e *Saxifraga*.

No Rio Grande do Sul o gênero *Escallonia* está representado por 4 espécies: *Escallonia bifida* Link & Otto, *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht., *Escallonia megapota mica* Sprengel e *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer.

As espécies de *Escallonia* são usadas como plantas ornamentais, devido a suas folhas sempre verdes, de suas vistosas inflorescências. No Rio Grande do Sul, sua floração ocorre nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

As *Escallonia* são facilmente identificadas pela presença de um grande número de flores, geralmente brancas e aromáticas, pelos lacínios na extremidade do tubo do cálice e ovário infero.

A espécie mais freqüente no Rio Grande do Sul é *Escallonia bifida* Link & Otto e a menos freqüente é *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer.

Neste trabalho estudamos 4 espécies do gênero *Escallonia* ocorrentes no Rio Grande do Sul.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para realizar este trabalho, utilizamos o material herborizado do gênero *Escallonia* Mutis ex Linnaeus filius procedente dos seguintes herbários do Rio Grande do Sul: Herbarium Anchieta (PACA), São Leopoldo; Herbário do Departamento de Botânica da UFRGS (ICN), Porto Alegre; Herbário Prof. Dr. Alarich R.M. Schultz (HAS), Porto Alegre; Herbário do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pelotas (PEL), Pelotas.

O gênero e as espécies foram identificadas através do método da observação comparada das exsicatas e análise morfológica do material, para o qual, utilizamos estereoscópio binocular e bibliografia especializada.

Na confirmação das determinações, contamos, também com exame dos fotótipos procedentes do Herbarium de Botanica-Museum Königin Luise, Berlin, Dahlem, Alemanha (B) e *typus* do Herbarium Anchieta, São Leopoldo, RS (PACA).

Foram feitas para cada espécie estudada pranchas ilustrativas contendo as principais características vegetativas e florais.

O mapeamento da distribuição geográfica das espécies foi realizado com auxílio das citações de localidade nas fichas de exsicatas de herbários.

## HISTÓRICO DO GÊNERO

O gênero *Escallonia* foi estabelecido por Mutis ex Linnaeus filius em 1781, baseado em uma planta colombiana *Escallonia myrtilloides* L.f.

CANDOLLE (1830) cita que *Escallonia* pertence a Tribo I Escallonieae, descreve o gênero e 23 espécies.

ENGLER (1871) considera *Escallonia* pertencente à sub-família Escallonieae, dá a descrição do gênero, chave para identificação das espécies, descrição de 43 espécies e faz um comentário acompanhado de tabela da distribuição geográfica do gênero no mundo.

CORRÊA (1931) descreve sucintamente *E. chlorophylla* Cham & Schl., *E. clausseii* Miq., *E. organensis* Gardn. e *E. sellowiana* DC.

BAILEY (1947) faz breve descrição do gênero *Escallonia* e 10 espécies.

RAMBO (1951) in O elemento andino no pinhal Riograndense, cita *E. sellowiana* DC., *E. montevidensis* Cham & Schl., *E. vaccinoides* St. Hil., *E. farinacea* St. Hil. e *E. obtusissima* St. Hil. como elementos da matinha arbustiva de galeria, *E. chlorophylla* Cham & Schlecht. e *Escallonia* sp como elementos rupestres.

CABRERA (1953) comenta o gênero *Escallonia* e a espécie *E. megapotamica* Sprengel na Argentina.

KAUSEL (1953) faz uma revisão do gênero *Escallonia* no Chile. O autor destaca 19 espécies ocorrentes neste país, dando a descrição, nomes vulgares, distribuição geográfica. Destas espécies nenhuma é encontrada no Rio Grande do Sul.

RAMBO (1954) classifica *E. montevidensis* Cham & Schlecht. como pertencente à flora fanerogâmica do litoral Riograndense.

SLEUMER (1956) estabelece 4 novas espécies de *Escallonia*: *Escallonia jordanensis* Sleumer, *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer,

*Escallonia reticulata* Sleumer e *Escallonia schereiteri* Sleumer, sendo que *E.petrophila* e *E.jordanensis* são comuns somente no Sul do Brasil.

PEREIRA (1957) cita para Itatiaia *E.organensis* Gardn. e *E.montevicensis* Cham & Schlecht., dando breve descrição e chave para separar as espécies.

BAILEY (1961) identifica 7 espécies de *Escallonia* através de chave para separação das mesmas e descrição.

SLEUMER (1968) in Die Gattung *Escallonia*, realiza um minucioso estudo, apresentando as características vegetativas e florais, distribuição geográfica, ecologia, hibridismo, parte química, polinização, pólen, cromossomos, utilidades do gênero e ainda faz uma revisão taxonômica de 39 espécies, constata a existência de híbridos naturais e estuda *Escallonia* na cultura.

STERN (1974) in Comparative anatomy and systematics of woody Saxifragaceae *Escallonia*, descreve as características das folhas, estrutura vascular e mesófila, pecíolo, epiderme, tricomas, hidatódios, madeira e discute acerca de algumas espécies do referido gênero.

ABREU et alii (1975), estudando a Flora do Estado do Rio de Janeiro, Saxifragaceae gênero *Escallonia* Mutis ex L.f., descrevem o gênero e as espécies *E.laevis* (Vell.) Sleumer *E.bifida* Link & Otto, ocorrentes neste estado.

CRONQUIST (1981) considera *Escallonia* como pertencente à família Grossulariaceae. O autor comenta que o gênero possui cerca de 50 espécies.

KLEIN & REITZ (1985) relacionam 7 espécies do gênero *Escallonia* para o estado de Santa Catarina, das quais 4 também ocorrem espontaneamente no Rio Grande do Sul. Deram a descrição do gênero, chave para identificação das espécies, características morfológicas de cada espécie, distribuição geográfica, considerações ecológicas, fenologia, nomes vulgares e utilidades.

## DESCRIÇÃO DO GÊNERO

### 1. - *Escallonia* Mutis ex Linnaeus filius

Suppl. Pl. 21. 1781.

Sinonímia: *Stereoxylon* Ruiz et Pav., Prodr. 38. 1794.

*Vigiera* Vell., Fl. Flum. Text 76. 1825.

*Vigiera* Vell. (Orth.Mut.) Benth. & Hook. f. Gen. Pl. 1 (2). 1865.

*Stereoxylum* Ruiz & Pav. (Orth.Mut.) Post & Kuntze, Lex. Gen. Phan. 536. 1904.



Árvore, arvoretas ou arbustos. Ramos glabros, pubescentes, glandulosos ou resinosos. Folhas sempre verdes, alternas, espiraladas, oblongas, obovadas, oblanceoladas, lanceoladas ou cuneadas-obovadas; cartáceas ou coriáceas; penínervias, pecioladas, sub-sésseis ou sésseis, estípulas ausentes; base cuneada, decurrente ou atenuada; ápice agudo, obtuso, retuso, apiculado, acuminado ou cuspidado; margem lisa, serreada, serrilhada ou revoluta quando seca; face superior glabra a pubérula, ou com glândulas dispersas, face inferior glabra com pontuações resinosas e glandulosas ou tomentosa. Inflorescência em racemos ou panículas terminais, às vezes axilares ou axilares solitárias nas folhas mais elevadas, levemente aromáticas. Flores branca, rosa, vermelha, púrpura, quando secas alaranjadas; hipanto hemisférico ou turbinado; tubo do cálice geralmente campanulado, 5-laciniado; 5 pétalas, livres, obovadas, linear-espataladas ou obovada-unguiculadas, eretas ou patentes inseridas sob a margem de um disco epigino, imbricadas na prefloração; 5 estames alternipétalos inseridos sob a margem do disco; filetes filiformes a lineares, anteras alongadas, oblongas, elípticas, lineares a ovado-oblongas, fixas ao filete pela porção dorsal, biloculares, rimosas; disco epigino, plano, confluyente com o estilete ou elevado, pulvinado ou ereto-cônico, 5-lobulado; ovário ínfero 2 a 3 locular, óvulos numerosos multisseriados; 1 estilete simples, raramente bifido; estigma capitado ou peltado 2 a 3 às vezes 5 lobado. Fruto cápsula seca, 2 a 3 locular, septicida, 2 a 3 valvas superiormente unidas com o cálice e estilete persistentes. Sementes numerosas, pequenas achatadas, elipsóides a ovóides, curvas, testa membranácea, longitudinalmente estriado-sulcada, fimbriada na base; embrião reto, pequeno carnoso, subcilíndrico.

Espécie tipo: *Escallonia myrtilloides* L.f.

### Distribuição Geográfica Do Gênero:

*Escallonia* Mutis ex Linnaeus filius é um gênero exclusivamente americano, hoje bem conhecido no seu todo, contando com 39 espécies e muitas variedades (SLEUMER, 1968).

Estende-se desde a Costa Rica para o Oeste da Terra do Fogo, norte do Uruguai, dirigindo-se para a orla leste da Argentina descendo para o Brasil (STERN, 1974).

A maior parte das *Escallonia* ocorrem em colinas ou montes, muitas descem ao litoral marítimo, principalmente as espécies frutuosas que são belíssimo ornamento dos Andes da América do Sul. Nos Andes do Equador e Nova Granada podem ser encontradas a 5.000 m, mas nos Andes Chilenos raramente ultrapassam a altitude de 2.000 m.

O gênero ocorre preferencialmente na América do Sul e algumas ilhas vizinhas como Chiloé, Juan Fernandez e Chonos. Devido a isto alguns botânicos intitulam os Andes da América Meridional como o "Reino das Escallonias" (ENGLER, 1871).

Nos Andes, o grupo de espécies reunidas, próximas de *E.rubra* com disco cônico, está restrito ao Chile e áreas limitrofes da Argentina, mas lá também são encontradas espécies com disco em forma de prato como existem nos Andes ao Norte do paralelo 27, estas ainda ocorrem sozinhas na pré-cordilheira Argentina e no Brasil (SLEUMER, 1968).

No Brasil ocorrem 9 espécies encontradas na parte meridional entre 21° e 35° de latitude sul, preferindo lugares temperados a frios, tomando os cumes e as partes altas dos montes de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

As espécies brasileiras mostram grande afinidade com as espécies sub-Alpinas dos Andes Bolivianos, Peruanos, Venezuelanos, etc, como por exemplo: *E.sellowiana*, *E.resinosa*, *E.montevicensis*, *E.floribunda*, *E.chlorophylla*, *E.discolori* (ENGLER, 1871).

No Rio Grande do Sul são encontradas 4 espécies, a saber: *E.bifida* Link & Otto, *E.chlorophylla* Chamisso & Schlecht., *E.petrophila* Rambo & Sleumer e *E.megapotamica* Sprengel.

As espécies *E.bifida* e *E.megapotamica* apresentam ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo no Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil.

*E.chlorophylla* Chamisso & Schlecht apresenta ampla distribuição somente no Brasil, ocorrendo nas regiões Sul e Sudeste.

*E.petrophila* Rambo & Sleumer tem distribuição restrita somente ao Sul do Brasil.

As espécies acima citadas para o RS, são comuns em matas de campos pedregosos, matas de araucária, matas secundárias e subpantanosas, ocorrendo também em encostas íngremes nas regiões de maior altitude. Algumas espécies aparecem em beira de rios e riachos em solos úmidos.

### Chave Para Identificação Das Espécies Do Gênero *Escallonia* No Rio Grande Do Sul.

1. Folhas oblongas, oblongo-lanceoladas, lanceoladas, subovadas, obovadas; base cuneada ou decurrente; fruto com lacínios eretos .....2  
Folhas ovado-oblongas ou lanceoladas; base atenuada; fruto com lacínios reflexos .....*Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer.
2. Folhas cartáceas; sub-sésseis ou pecioladas; face superior geralmente glabra e face inferior glabra com pontuações resinosas ou glandulosas .....3

- Folhas coriáceas; sésseis; face superior de glabra a levemente pubérula e inferior tomentosa ..... *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht.
3. Hipanto turbinado 10-costulado; anteras oblongas; fruto cápsula obovada-globosa ..... *Escallonia bifida* Link & Otto
- Hipanto turbinado 5-costulado; anteras elípticas; fruto cápsula obovada-turbinada ..... *Escallonia megapotamica* Sprengel.

## 1.1. - DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

### 1.1.1. - *Escallonia bifida* Link & Otto

IC. Pl. Rar. 4:45, t.23. 1829.

Sinonímia: *Escallonia floribunda* H.B.K. var. *montevidensis* Cham & Schl. Linnaea 1: 543. 1826.

*Escallonia floribunda* (non H.B.K.) Reichb. Icon. Bot. Exot. 3, t.202. 1830.

*Escallonia montevidensis* (Cham & Schlecht.) DC. Prodr. 4:4. 1830.

*Escallonia spectabilis* Hort. Monac. msc. in DC. Prodr. 4:4. 1830.

*Escallonia montevidensis* G. Don, Gen. Syst. 3: 194. 1834.

*Escallonia pugae* Phil., Anl. Univ. Chile 85: 501. 1894.

Arbusto ou arvoreta de 2 a 5 metros de altura; ramos eretos, cilíndricos, levemente estriados, castanho-amarelados a acinzentados, glabros a levemente pubescentes, às vezes resinosos ou glandulosos. Folhas alternas levemente cartáceas, oblongas, oblongo-lanceoladas ou subovadas 1,5 cm a 7,0 cm de comprimento e 0,8 cm a 2,4 cm de largura; pecíolos levemente pubescentes 4,0 mm a 8,0 mm de comprimento; base cuneada, decurrente, ápice agudo, obtuso ou retuso; margem serreada a serrilhada, quando seca revoluta próximo à base; face superior geralmente glabra, ou levemente pubérula junto à nervura principal, face inferior glabra com pontuações resinosas ou glandulosas, ou pubescente com pêlos curtos e escassos sobre a nervura principal; nervuras penínervias, na face superior a nervura principal é plana ou impressa, as secundárias são pouco visíveis, na face inferior a nervura principal é proeminente, as demais são pouco visíveis. Inflorescências em panículas multiflorais, tirseóideas, congestas a laxas 5,0 cm a 9,0 cm de comprimento. Flores hermafroditas; pedicelos delgados, estriados, levemente pubescentes 4,0 mm a 8,0 mm de comprimento; bráctea (1) linear-lanceolada, pequenas glândulas na margem 3,0 mm a 4,0 mm de comprimento; bractéolas (2) assoveladas a lineares, opostas 1,0 mm a 2,5 mm de comprimento, dispostas mais ou menos no meio do pedicelo; hipanto turbinado 10-costulado 3,5 mm a 4,0 mm de comprimento, lacínios 5, triangulares, glândulas na sua margem com cerca de 2,0 mm de comprimento; pétalas 5, alvescentes a púrpura, quando secas alaranjadas, obovadas-unguiculadas ou espatuladas

com nervuras bem destacadas 7,0 mm a 8,0 mm de comprimento e 3,0 mm a 3,5 mm de largura; estames 5, filetes de 6,0 mm a 8,5 mm de comprimento, anteras oblongas de 2,0 mm a 2,5 mm de comprimento; disco plano, um pouco convexo, levemente pulvinado; ovário ínfero, estilete sulcado com cerca de 6,0 mm de comprimento, estigma capitado. Fruto cápsula obovada-globosa 3,0 mm a 3,5 mm de diâmetro; sementes em grande quantidade, pequenas, castanhas, oblongas, agudas em ambas extremidades, sulcadas no sentido longitudinal.

Tipo: Brasília Meridionalis, Sellow 587 (ex numero prob. Montevideo), B-Fototipo Syn. & Lectotypus von *E.bifida* & *E.floribunda* var. *montevidensis*.

Figuras: 01 e 05

### Distribuição Geográfica:

Esta espécie ocorre no Uruguai, Paraguai, Argentina e Brasil (SLEUMER, 1968).

No Brasil é comum ser encontrada nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (KLEIN & REITZ, 1985). No último estado esta planta é bastante conhecida e difundida, podendo ser encontrada junto a matas secundárias, úmidas, subpantanosas, pantanosas, nas matas próximas a fontes e riachos, junto a matas de araucária em bosques e campos.

### Material Examinado:

RS: Morro da Polícia p. Porto Alegre, ad fontem in dumetosis: Rambo 559, 13.01.1933 (PACA); Schwabenschneis p. São Leopoldo, in dumetosis secundariis: Rambo 2500, 26.05.1937 (PACA); Morro Vigia p. Livramento, in silvula campestri: Rambo 3907, 12.01.1941 (PACA); Taimbesinho p. São Francisco de Paula, in silvula ad rivum: Rambo 4377, 07.02.1941 (PACA); Passo do Inferno p. Canela, in silvula campestri: Rambo 4841, 10.02.1941 (PACA); São Leopoldo, in dumetosis: Theissen s/nº, 1907 (PACA 7378); Tupanciretan, in silvula humida: Rambo 9567, 28.01.1942 (PACA); Tupanciretan, in silvula subpaludosa: Rambo 9885, 29.01.1942 (PACA); Tannenwald p. S.Leopoldo, in silvula secundaria: Rambo 10959, 12.1942 (PACA); Lagoa Vermelha p. fl. Uruguay, in silva campestri: Friderichs s/nº, 01.1943 (PACA 10960); Faz. Englert p. São Francisco de Paula, in silva campestri: Buck s/nº, 01.1944 (PACA 11564); Caracol p. Canela, ad araucarietum: Emrich s/nº, 01.1936 (PACA 11927); Caracol p. Canela, in dumetosis: Emrich s/nº, 28.01.1941 (PACA 11991); sine loco, sine die: Rambo 25557 (PACA); Nonoaí ad fl. Uruguay, in silvula campestri: Rambo 28558,

03.1945 (PACA); Caracol p. Canela, in araucarieto caedua: Emrich s/nº, 03.1945 (PACA 28695); Caracol p. Canela, in silvula: Emrich s/nº, 02.1945 (PACA 28734); Vila Oliva p. Caxias do Sul, ad araucarietum: Rambo 31054, 05.01.1946 (PACA); Serra do Fachinal p. S.Francisco de Paula, in silvula humida: Rambo 32113, 14.02.1946 (PACA); Butterberg p. Tupandí, Montenegro, in silvula secundaria: Rambo 32833, 17.12.1945 (PACA); Parecí p. Montenegro, in dumetosis secundariis: Strieder s/nº, 28.11.1945 (PACA 32977); Serra da Rocinha p. Bom Jesus, in silvula campestri humida: Rambo 35233, 14.02.1947 (PACA); Sine loco, sine die: Rambo 35579 (PACA); Camará do Sul p. São Francisco de Paula, in silvula campestri: Rambo 36691, 02.1948 (PACA); in summo monte Sapucaia p. S.Leopoldo, in humidis dumetosis: Rambo 37344, 08.07.1948 (PACA); Ad montem Steinkopf p. S.Leopoldo, in silvula humida: Rambo 39056, 20.12.1956 (PACA); Cachoeirinha p.Gravataí, in silvula subpaludosa: Rambo 39570, 07.01.1949 (PACA); Ad montem Ferrabraz p. Novo Hamburgo, in dumetosis secundariis: Rambo 39886, 12.01.1949 (PACA); Linha Bonita p. Montenegro, in silvula secundaria: Rambo 40025, 19.01.1949 (PACA); Vila Manresa p. P.Alegre, ad rivum in dumetosis: Rambo 40096, 22.01.1949 (PACA); Santa Rita p. Farroupilha, in silvula humida: Rambo 40174, 27.01.1949 (PACA); Langschneis p.Montenegro, in silvula secundaria: Rambo 45008, 27.12.1949 (PACA); Ad montem Itacolumí p. Gravataí, in silvula campestri: Rambo 45259, 11.11.1950 (PACA); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, in silvula ad rivum: Rambo 45540, 30.01.1950 (PACA); Santa Rita p. Farroupilha, in silvula subpaludosa: Rambo 45723, 07.02.1950 (PACA); Lagoa da Pinguela p. Osório, in silvula paludosa: Rambo 46474, 27.03.1950 (PACA); Campinas p. Santa Rosa, in silvula secundaria: Spies s/nº 02.1950 (PACA 47376); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, in silvula ad rivum: Rambo 50054, 21.02.1951 (PACA); Passo do Socorro p. Vacaria, in campestribus dumetosis: Rambo 51588, 26.01.1951 (PACA); Passo da Guarda p. Bom Jesus, in campestribus dumetosis: Rambo 51926, 15.01.1952 (PACA); Caaró p. S. Luiz, ad rivum in dumetosis: Rambo 53246, 24.11.1952 (PACA); Serra da Rocinha p. Bom Jesus, in silvula campestri: Rambo 53820, 03.02.1953 (PACA); Taimbesinho p. S.Francisco de Paula, ad rivum in dumetosis: Rambo 54112, 20.02.1953 (PACA); Vila Oliva p. Caxias do Sul, in silvula campestri: Rambo 54962, 24.02.1954 (PACA); Passo do Inferno p. Canela, in araucarieto: Rambo 56564, 09.01.1955 (PACA); Vila Oliva p. Caxias do Sul, in silvula campestri: Rambo 56636, 08.02.1955 (PACA); Farroupilha, in dumetosis: Camargo 1087, 14.01.1957 (PACA); Pelotas, in dumetosis: Schlichting s/nº, 10.03.1957 (PACA 63117); Pelotas, in dumetosis: Sacco 584, 09.03.1956 (PACA); Feliz, na beira da Estrada: Wasum s/nº, janeiro 1990 (PACA 70525); Feliz, em beira de estrada: Wasum s/nº, 17.12.1990 (PACA 70523); Lagoa da Harmonia, em beira de estrada: Jasper s/nº, 31.12.1990 (PACA 70522); Rincão do Inferno, Lavras do Sul, em beira de mata, junto à

estrada: Larocca & Schindweis s/nº, 10.01.1991 (PACA 70561); Flores da Cunha, estrada para Otávio Rocha na beira da estrada: Wasum s/nº, 17.01.1991 (PACA 70562); Faz. Águas Brancas, Bom Jesus, junto ao rio: Larocca s/nº, 02.02.1991 (PACA) 70563); Instituto Agrônômico do Sul, Pelotas, no mato: Sacco 457, 26.12.1956 (PEL); Pelotas, nas margens de corredeiras no meio do mato: Sacco 584, 09.03.1956 (PEL); Pelotas, ao longo de corredeira no interior do mato: Sacco 1253, 22.05.1959 (PEL); Cerro das Pombas, Pelotas, na borda do mato: Sacco 1320, 08.06.1959 (PEL); Taquara, ao lado da rodovia: Jarenkow & Bueno 1193, 27.12.1988 (PEL); Bom Jesus, na beira do mato: Silveira 2097 et alii, 05.02.1985 (HAS); Caxias do Sul, na beira da rodovia: Silveira 2511 et alii, 15.07.1985 (HAS); Santa Cruz do Sul, na mata ciliar: Mattos 29436 & Silveira, 30.07.1986 (HAS); Farroupilha: Mattos & Bassan 194, 09.04.1986 (HAS); Serra da Rocinha, Bom Jesus, na beira do mato: Farias Filho & Silveira 6361, 07.02.1988 (HAS); São Francisco dos Alpes, São Francisco de Paula, na mata: Mattos 31086 et alii, 26.03.1987 (HAS); São José dos Ausentes, Bom Jesus: Silveira 3971, 11.02.1987 (HAS); Estação Experimental Veranópolis: Mattos 29157 et alii, 04.02.1986 (HAS); Santa Cruz do Sul, na capoeira: Mattos 29910 et alii, 30.07.1986 (HAS); Estação Experimental Fruticultura, Farroupilha, no campo seco e arbustivo: Camargo 298, 26.01.1956 (HAS); Estação Experimental, Veranópolis, numa capoeira; Mattos 22103, 08.04.1980 (HAS); Faz. Nabor Velho Potreirinhos, Bom Jesus, num capão: Camargo s/nº, 06.02.1976 (HAS 50067); Caracol, Canela, na mata: Mattos 23349 et alii, 30.03.1982 (HAS); Maquiné na Estação Experimental, Osório, num vassoural: Mattos 22481 & Silveira, 12.01.1981 (HAS); Horto Florestal do IBDF, Pelotas, numa capoeira: Mattos 19622, 27.12.1979 (HAS); Nova Petrópolis, numa capoeira: Mattos 6783-a 26.03.1959 (HAS); Estação Experimental Fitotécnica, Veranópolis, numa capoeira na orla: Mattos 22181, 05.11.1980 (HAS); Pelotas, na mata: Mattos 17956, 22.12.1977 (HAS); Fortaleza, Cambará do Sul: Silveira 1255 et alii, 24.05.1984 (HAS); São Francisco de Paula: Mattos 19850 (HAS); Parque Florestal, Nonoáí, no campestre: Frosi 346 et alii, 26.02.1985 (HAS); Vacaria, no capão: Silveira 2466 et alii, 06.02.1985 (HAS); Estação Experimental Rio Branco, Nova Prata, na mata de galeria: Mattos 25961, 16.03.1984 (HAS); Cambará do Sul, na beira do rio: Silveira 1885 et alii, 04.02.1985 (HAS); Próximo à Serra da Rocinha, Bom Jesus, na beira de abismos: Silveira 1978 et alii, 05.02.1985 (HAS); Dois Irmãos, na margem da mata: Abruzzi 853, 27.12.1983 (HAS); Br-292 estrada secundária Piratini, na beira da estrada: Neves 408, 31.01.1984 (HAS); Morro Ferrabraz, Sapiranga: Martau & Aguiar s/nº, 29.04.1975 (HAS); Na área da barragem Saturnino de Brito, Santa Maria, na mata marginal do rio Ibicuí-Mirím: Bueno 3569, 08.08.1982 (HAS); Morro do Leão, Gravataí, na beira da mata: Aguiar et alii s/nº, 06.06.1978 (HAS 8322); Soledade, na beira da rodovia: Frosi 233 & Model, 20.06.1984 (HAS); Taquara, próximo à rodovia: Silveira 451 & Frosi, 05.01.1983 (HAS); Igreja, Inhamitanga, na beira da rodovia: Frosi 233 & Model, 20.06.1984 (HAS);



numa capoeira: Mattos 24125 & Silveira, 30.03.1982 (HAS); Na estrada Velha, Caçapava do Sul, numa capoeira: Mattos 23189 10.03.1982 (HAS); Rodovia São Francisco de Paula-Cambará do Sul, Cambará do Sul, na beira do capão nas margens do arroio: Mattos 25562 et alii, 05.01.1983 (HAS); Estação Experimental, Encruzilhada do Sul, no mato: Camargo s/nº, 27.07.1975 (HAS 50084); Silveiras, Bom Jesus: Camargo s/nº, 18.04.1976 (HAS 50083); São Francisco de Paula: Mattos 19849, sine die (HAS); Horto Florestal do IBDF, Pelotas, numa capoeira: Mattos 19275, 23.01.1979 (HAS); Estação Experimental do IBDF, Pelotas: Mattos 18800, 14.06.1978 (HAS); Barra do Ouro, numa capoeira: Mattos 26433 & Model, 20.12.1989 (HAS); Estação Ecológica de Aracurí, Esmeralda: Miotto 890, 17.01.1981 (ICN); Santa Cruz do Sul, no interior de mato de Eucalyptus: Waechter 717, 17.01.1978 (ICN); Barra do Ouro, Osório: Baptista s/nº, 17.02.1971 (ICN, 30704); Rolante: Baptista s/nº, 17.02.1971 (ICN 32403); Herval do Sul, no campo: Schultz s/nº, 25.01.1973 (ICN 21197); Taimbesinho, Cambará do Sul, na beira do riacho: Lindeman et alii s/nº, 03.02.1973 (ICN 21238); Estação Ecológica Aracurí, Esmeralda, na beira da mata: Jarenkow 2, 13.01.1982 (ICN); Estação Ecológica Aracurí, Esmeralda, na beira do banhado: Stehmann s/nº, 23.01.1984 (ICN 69672); Mato da UFRGS, Bento Gonçalves, no mato: Pedralli 115, 07.03.1981 (ICN); Tainhas, São Francisco de Paula: Schultz 1414, 10.02.1957 (ICN); Estação Ecológica Aracurí, Esmeralda, na beira da mata: Baptista et alii s/nº, 24.07.1980 (ICN 47794); Passo dos Freire, São Sepé: Fleig 453, 13.01.1977 (ICN); 4 Km E de São Pedro do Sul, num matagal no barranco de uma sanga: Lindeman et alii s/nº, 21.12.1972 (ICN 21157); Linha Araripe: Schultz 4122, 26.01.1967 (ICN); Cascata, Pelotas, em mato isolado no campo: Ceroni & Irgang s/nº, 18.06.1968 (ICN 4960); Esmeralda, numa sanga funda na beira com campo: Arzivenco 509, sine die (ICN 64594); Esmeralda: Baptista et alii s/nº 30.09.1984 (ICN 62670); Canela, em vassoural nos arredores da cidade: Sobral & Silva 4960, (ICN); Morro da Pera, São Francisco de Paula, junto a vertente: Lindeman et alii s/nº, 02.02.1973 (ICN 21218).

### Comentários:

O nome desta espécie tem origem no latim (bífida = partida em dois bífida) referindo-se ao ápice das folhas ser muitas vezes retuso, isto é apresentam um pequeno corte muito aberto.

*Escallonia bifida* Link & Otto é considerada um arbusto ornamental, universalmente cultivada (KLEIN & REITZ, 1985).

Vulgarmente esta espécie é conhecida por canudo-de-pito, esponja-do-mato e escalônia. No Uruguay é chamada de Arbol de Pito.

Segundo SLEUMER (1968), LINK & OTTO (1929), debaixo da descrição de *E. bifida* citam *E. floribunda* var. *montevideensis* Cham & Schlecht. com

diagnóse abreviada. O autor considera o *typus* desta variedade o mesmo de *E. bifida*, embora, segundo ele, a descrição de *E. bifida* tenha sido realizada com material vivo.

LINK & OTTO cultivaram a planta a partir de sementes que Sellow coletou no local do material *typo* de *E. floribunda* var. *montevideensis* no Sul do Brasil e próximo a Montevidéo.

### 1.2.2 - *Escallonia chlorophylla* Chamisso & Schlecht.

Linnaea 1. 542. 1826.

Sinonímia: *Escallonia canescens* St.-Hil., Arch. de Bot. 2: 227. 1833.

*Escallonia obtusissima* St.-Hil. var. *beta*, Fl. Bras. Merid. 3 ed. fol.78. ed. qu.92. 1833.

*Escallonia candida* Lemaire, Le Jardin Fleur. 4t: 403. 1854.

*Escallonia tomentosa* Camb. ex Niederlin, Bol 31 Mus. Prod. Arg. Buenos Aires. 30, nom.nud. 1890.

Arbusto de 1 a 2 metros de altura; ramos eretos, estriados, castanho-avermelhados, levemente pruinosos quando jovens, cinzentos, glabros, cilíndricos quando adultos, densamente foliosos. Folhas alternas espiraladas, sésseis, cartáceas a coriáceas, oblongas, obovadas ou oblanceoladas 2,8 cm a 6,0 cm de comprimento e 1,0 cm a 2,1 cm de largura; base cuneada; ápice apiculado, acuminado a raramente cuspidado; margem lisa a levemente revoluta quando seca, resinosa, próxima ao ápice levemente serrada, entre os dentes glândulas imersas na margem, em algumas folhas as glândulas acompanham toda a margem; face superior glabra a levemente pubérula junto à nervura principal, face inferior tomentosa, tomento esbranquiçado, glândulas dispersas, algumas encobertas pelo tomento; nervuras peninervias, na face superior pouco salientes, a principal destaca-se das demais, achatada, na face inferior nervura principal proeminente finamente tomentosa. Inflorescências racemosas ou paniculada-tirseóideas, densamente florais, ramos inferiores com poucas flores de 3 a 10. Flores hermafroditas; pedicelos pubérulos a tomentosos com 3,0 mm a 8,0 mm de comprimento; bráctea (1) linear-lanceolada, margem serreada com glândulas 5,0 mm a 13,0 mm de comprimento, inserida na base do pedicelo; bractéolas (2) assoveladas 3,0 mm a 4,0 mm de comprimento, inseridas normalmente na região mediana do pedicelo; hipanto turbinado levemente pubérulo 7,0 mm a 8,0 mm de comprimento; 5 lacínios triangulares, agudos, com glândulas na sua margem, 1,5 mm a 2,5 mm de comprimento; pétalas 5, alvescentes a róseo, quando secas alaranjadas, obovado-espataladas, com nervuras semelhantes a veias, ápice crenulado, limbo expandido ou às vezes reflexo com 8,0 mm a 13,0 mm de comprimento e 3,5 mm a 5,0 mm de largura; estames 5, filetes de 6,0 mm a 6,5 mm de comprimento; anteras mais ou



menos lineares de 3,0 mm a 3,5 mm de comprimento; disco plano, levemente espessado pentalobado; ovário ínfero, estilete 6,0 mm a 7,0 mm de comprimento; estigma capitado, pentalobado. Fruto cápsula obovada-turbinalada, grande quantidade de sementes castanho-avermelhadas, oblongas, sulcadas.

Tipo: Brasília Australis, Sellow s/nº (B- Fototipo *E.chlorophylla*)

Figuras: 02 e 05

### Distribuição Geográfica

*Escallonia chlorophylla* Chamisso & Schlecht. é uma espécie que ocorre somente no Brasil, citada para os estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Comumente ocorre em campos rupestres úmidos, campos brejosos e próximos a taimbés, raramente encontra-se nas orlas de capões e subosques de pinhais (KLEIN & REITZ, 1985).

No Rio Grande do Sul esta espécie é encontrada em pequenas matas de campos pedregosos, campos junto a encostas íngremes, em solos úmidos e nas margens de estradas.

### Material Examinado:

**RS:** Passo do Inferno p. Canela, in campestribus saxosis dumetosis: Rambo 4839, 10.12.1941 (PACA); Taimbesinho p. São Francisco de Paula, ad barathrum in campestribus: Rambo 49390, 18.12.1950 (PACA); Vila Oliva p. Caxias do Sul, in campestribus dumetosis: Rambo 30903, 01.01.1946 (PACA); Taimbesinho p. São Francisco de Paula, in campestribus dumetosis: Rambo 54075, 20.02.1953 (PACA); Passo do Inferno p. Canela, in saxosis dumetosis: Rambo 56536, 09.01.1955 (PACA); Pelotas, in humidis: Sacco 669, 17.11.1957 (PACA); Horto Botânico Irmão Teodoro Luís, Capão do Leão, na borda da estrada, próximo ao arroio: Jarenkow & Sobral 675, 22.01.1987 (PACA); Taimbesinho, Cambará do Sul, no campo: Jarenkow & Bueno 1149, 27.12.1948 (PEL); Horto Botânico, Pelotas, na beira do mato em baixada úmida: Bueno 2827, 29.12.1980 (HAS); Boca da Serra, São Francisco de Paula, na capoeira, Mattos 19848, 31.07.1978 (HAS); Taimbesinho p. Cambará do Sul, no campo: Lindeman et alii s/nº, 03.12.1971 (ICN 9354); Taimbesinho p. Cambará do Sul, no campo alto: Lindeman & Porto s/nº, 03.02.1973 (ICN 21229).

**Comentários:**

O nome *Escallonia chlorophylla* deriva do grego chloros que significa verde-amarelo e phyllon (folha) referência esta dada às folhas (KLEIN & REITZ, 1985).

Esta espécie é vulgarmente conhecida como: esponja-do-mato, escalônia e Arbol Andrade.

É utilizada como planta ornamental em decorrência de suas flores salientes.

STERN (1974), estudando a sistemática e anatomia comparativa de madeira das Saxifragaceae, diz que o interior das cavidades da superfície inferior desta espécie é envolvida por tortuosos tricomas, os estômatos são restritos para estas cavidades e os feixes vasculares das folhas ocorrem somente entre as cavidades adjacentes, vistas como secções transversais da folha.

SLEUMER (1968) distinguiu esta condição e relatou o indumento envolvendo as nervuras.

**1.1.3 - *Escallonia megapotamica* Sprengel**

Syst. Cur. Post. 1: 94. 1827.

Sinonímia: *Escallonia resinosa* (R&P.) Pers. var. *dodoneifolia* Cham & Schlecht. Linnaea 1: 545. 1826.

*Escallonia resinosa* (R&P.) Pers. var. *spiraeifolia* Cham & Schlecht. Linnaea 1: 545. 1826.

*Escallonia sellowiana* DC., Prod. 4: 4. 1830.

*Escallonia sellowiana* DC var. *spiraeifolia* (Cham & Schlecht.) DC Prodr. 4: 4. 1830.

*Escallonia sellowiana* DC. var. *salicifolia* St.-Hil., Fl. Bras. Merid. 3. ed. fol. 76. ed. qu. 89. 1833.

*Escallonia vaccinioides* St.-Hil., Fl. Bras. Merid. 3 ed. fol. 74. ed. qu. 87, incl. var. *guaranitica* St.-Hil., 1. c. 75. resp. 88. 1833.

*Escallonia spiraeoides* St.-Hil., Fl. Bras. Merid. 3. ed. fol. 75 ed. qu. 88. 1833.

*Escallonia sellowiana* (non DC. s.str.) Herter. Florul. Urug. Pl. Vasc. 65. 1930.

*Escallonia vaccinioides* (non St.-Hil., s.str.) Emrich & Rambo Lilloa 14: 109. 1948.

*Escallonia megapotamica* (non Spr. s. str.) Cabrera, Man. Fl. Buenos Aires. 237. 7: 78. 1953.

Arbusto ou arvoreta de 0,5 a 4,0 metros de altura, ramos mais ou menos eretos, foliosos, levemente estriados, os velhos variando a coloração de acinzentados a grafite, glabros, os mais jovens castanho-avermelhados a

cinza-claro, levemente pubérulos. Folhas alternas, sub-sésseis, cartáceas, lanceoladas, oblanceoladas, obovadas a cuneado-obovadas 2,3 cm a 6,0 cm de comprimento e 0,4 cm a 1,0 cm de largura, base cuneada, ápice obtuso, agudo ou cuspidado; margem próxima à base levemente revoluta seguindo serreada com glândulas entre os dentes; face superior glabra com glândulas esparsas, geralmente lustrosa, face inferior glabra com grande quantidade de glândulas resinosas; nervuras peninérvias, na face superior a nervura principal é bem visível, mas achatada, na face inferior a nervura principal é proeminente, as demais são pouco visíveis. Inflorescências em panículas terminais tirseóideas, eretas, normalmente nascem nas axilas das folhas, multiflorais 3,0 cm a 6,0 cm de comprimento. Flores hermafroditas; pedicelos delgados, levemente pubescentes 2,0 mm a 5,0 mm de comprimento; bráctea (1) geralmente lanceolada de 3,0 mm a 5,0 mm de comprimento, disposta na base do pedicelo; bractéolas (2) lineares-asseoveladas com pequenas glândulas na margem 1,5 mm a 2,5 mm de comprimento, dispostas geralmente no meio do pedicelo; hipanto turbinado, 5-costulado 3,0 mm a 3,5 mm de comprimento, finamente glutinoso; lacínios 5, triangulares, agudos no ápice com pequenas glândulas na margem de 1,0 mm a 1,5 mm de comprimento; pétalas 5, obovadas-espatuladas, alvescentes, quando secas alaranjadas, nervuras bem destacadas 4,5 mm a 6,0 mm de comprimento, estames 5, filetes finos 2,5 mm a 3,5 mm de comprimento, anteras mais ou menos elípticas 1,0 mm a 1,5 mm de comprimento; disco plano, levemente saliente atingindo boa parte do estilete; ovário ínfero, estilete com 3,0 mm a 4,0 mm de comprimento, estigma capitado. Fruto cápsula obovada turbinada 3,0 mm a 4,0 mm de comprimento; sementes castanho avermelhadas, sulcadas longitudinalmente, agudas em ambas extremidades 0,5 a 0,7 mm de comprimento.

Tipo: Brasil: Rio Grande do Sul, loco haud indicato, Gaudichaud 1391, 1392 (P- Fototipo) (P- Lectotypus de *E. sellowiana* var. *salicifolia*, 1393).  
Uruguay: Salto, Bois au bord de Uruguay près de Salto Grande, St. Hilaire C2, n 2527 bis (P- Fototipo de *E. spiraeoides*).

Figuras: 03 e 06

#### Distribuição Geográfica:

*Escallonia megapotamica* Sprengel é uma espécie pouco comum no mundo, ocorre principalmente no Uruguai, nordeste da Argentina e Brasil (CABRERA, 1953). Neste último país é encontrada nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul esta planta tem ocorrência bem diversificada, encontra-se em matas, em solos pedregosos, em campos secos e sujos, na orla de capões, subosques e com menos frequência em matas úmidas, subpantanosas, ribeirinhas aos rios ou junto a rios, em matas de galeria, em banhados, locais úmidos e em áreas de arbustos.

### Material Examinado:

**RS:** São Leopoldo, in paludosis dumetosis: Theissen s/nº, 1907 (PACA 7364); Rio dos Touros p. Bom Jesus, in silvula riparia: Rambo 8570, 13.01.1942 (PACA); Jarí p. Tupanciretan, in silvula riparia: Rambo 9421, 26.01.1942 (PACA); Faz. Santa Cecilia p. S. Gabriel, in silvula subpaludosa: Rambo 25732, 1944 (PACA); Faz. do Jarau p. Quaraí, in silvula humida: Rambo 26171, 01.1945 (PACA); Faz. Santa Cecilia p. S. Gabriel, in silvula subpaludosa: Rambo 25732, 1944 (PACA); Santa Cruz do Sul, in dumeto: Sehnem 2334, 18.12.1946 (PACA); Faz. da Ronda p. Vacaria, in campestribus dumetosis: Rambo 34955, 08.01.1947 (PACA); Cambará p. São Francisco de Paula, in campestribus dumetosis: Rambo 36689, 02.1948 (PACA); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, in silvula humida: Rambo 45571, 30.01.1950 (PACA); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, ad rivum in dumetosis: Rambo 49366, 18.12.1950 (PACA); Estância Mariante p. Venâncio Aires, in campestribus dumetosis: Rambo 49475, 01.01.1951 (PACA); Sine loco, in campo ad viam federalem: Sehnem 5497, 11.01.1951 (PACA); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula: Rambo 50120, 21.02.1951 (PACA); Passo do Socorro p. Vacaria, in campestribus dumetosis: Rambo 51918, 15.01.1952 (PACA); Jaquirana p. S. Francisco de Paula, in campestribus dumetosis: Rambo 51975, 20.02.1952 (PACA); Kochlöffel p. Sta Cruz do Sul, in dumetosis: Rambo 56260, 12.12.1954 (PACA); Vila Seca p. Caxias do Sul, in campestribus saxosis dumetosis: Rambo 56882, 02.01.1955 (PACA); Vila Oliva p. Caxias do Sul, in campestribus saxosis dumetosis: Rambo 56668, 08.02.1955 (PACA); Cangucú, estrada RS 265 p. Taquaral, em beira de estrada: Larocca et alii s/nº, 13.12.1990 (PACA 70524); Pelotas: Boeira s/nº, 1951 (HAS 50066); Silveiras, 4º Distrito de Bom Jesus, na margem do rio Silveiras: Camargo s/nº, 02.01.1976 (HAS 50063); Silveiras, 4º Distrito de Bom Jesus: Camargo 675, 02.01.1976 (HAS); 4º Distrito de Bom Jesus: Camargo s/nº, 08.02.1976 (HAS 50086); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, em mata de beira de estrada: Torgan s/nº, 21.12.1976 (HAS 4198); Próximo ao Cerro de Emboaba, Tapes: Frosi 169 & Model, 13.01.1984 (HAS); 5 km de Cambará do Sul, nas margens do Rio Camisa: Silveira 1230 et alii, 23.05.1984 (HAS); 5 km de Sertão de Santana, Guaíba: Frosi 180 & Model, 13.06.1984 (HAS); Barracão p. Lagoa Vermelha, na beira da estrada, Silveira 5445 & Farias Filho, 07.02.1988 (HAS); Santo Amor, Pelotas: Teodoro Luís 20026, 07.01.1950 (PEL); Rincão do Meio, Pelotas, no campo: Sacco 1205, 19.05.1959 (PEL); Jaquirana, São Francisco de Paula: Schultz 3389,

28.02.1964 (ICN); 30 Km de Lavras do Sul p. Caçapava do Sul: Fleig 177, 12.12.1976 (ICN); Cerro Negro, Guaíba, em vassoural: Baptista et alii s/nº 23.06.1977 (ICN 34368); Linha Saint Brisson, Guaíba, em capoeira: Matzembacher s/nº 24.11.1977 (ICN 35747); Faxinal p. Cambará do Sul, em meio ao banhado: Sobral 626, 08.01.1981 (ICN); Est. Ecol. Aracurí, Esmeralda: Waechter 1950, 11.10.1982 (ICN); Es. Ecol. Aracurí, Esmeralda, em banhado: Stehmann 163, 12.1982 (ICN); Bagé, em beira de mata: Grabuska 3953 et alii, 06.1985 (ICN); Caçapava do Sul, em beira de mata: Marchiori 5709 et alii, 08.1987 (ICN); Tainhas: Baptista s/nº, sine die (ICN 30784).

### Comentários:

O nome *Escallonia megapotamica* deriva do grego megas (grande) e potamós (rio) (KLEIN & REITZ, 1985).

A espécie é vulgarmente conhecida com o nome de esponja-do-mato e escalônia. No Uruguai é chamada de Flor de Pito.

Sua utilidade é como planta ornamental.

Esta planta foi estabelecida por Sprengel a partir de um exemplar coletado por Sellow no Rio Grande do Sul.

Segundo SLEUMER (1968) no herbário de Berlim se encontra a maior parte da coleção de Sprengel.

De acordo com Sleumer nem em Berlim, nem em Halle se conserva o exemplar tipo de *E. megapotamica*.

A descrição de *E. megapotamica*, considerando folha espatulada, longamente mucronada e finamente serrada, aponta para a coleção de plantas de Sellow em que Chamisso & Schlechtendal se basearam para criar o tipo *E. resinosa* var. *dodoneifolia*. Esta descrição serviu também para De Candolle criar o tipo *E. sellowiana*, além de servir para criar o tipo de Chamisso e Schlechtendal *E. resinosa* var. *spiraeifolia* e também *E. sellowiana* var. *spiraeifolia* DC, que também se basearam em material coletado por Sellow no Rio Grande do Sul.

Sleumer em seu trabalho separou *Escallonia megapotamica* Sprengel em 2 variedades: var. *megapotamica* e var. *spiraeifolia* (Cham & Schlech) Sleumer, dizendo que se pode distinguir as duas variedades principalmente pela forma das folhas. O autor comenta: RAMBO (1954) diz que a var. *megapotamica* raramente atinge altura superior a um homem, que é densamente ramificada, folhas, inflorescências e flores consideravelmente maiores em relação a var. *spiraeifolia*. A var. *megapotamica* tem preferência por campos secos e pedregosos, enquanto que a var. *spiraeifolia* prefere lugares úmidos. Estas diferenças referentes a habitat, tamanho da folha e flor

e as demais condições de localização não são tão claramente distintas quanto RAMBO (1954) acentuou.

KLEIN & REITZ (1985) seguiram os princípios propostos por SLEUMER (1968), considerando as duas variedades.

Nós optamos por considerar somente a espécie *Escallonia megapotamica*, sem distinguir as variedades propostas pelos autores acima citados, por entendermos se fazer necessário um estudo minucioso sobre a ecologia e genética das populações.

#### 1.1.4 - *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer

Willdenowia 1. 342. 1956.

Arbusto com cerca de 1 metro de altura, levemente prostrado; ramos delgados, quando jovens e secos avermelhados, glabros, estriados; quando adultos ou nas partes mais velhas acinzentadas com aspecto de cortiça, pequenas glândulas escuras. Folhas alternas, cartáceas, ovado-oblongas a lanceoladas 4,0 cm a 8,0 cm de comprimento e 1,5 cm a 3,0 cm de largura; pecíolos glabros 0,5 cm a 1,2 cm de comprimento, base atenuada, ápice acuminado, margem serreada com dentes para frente, curvados para dentro, apresentando pequena glândula no ápice, faces superior e inferior glabras, destacando-se a face superior por ser às vezes lustrosa; nervuras peninérvias, na face superior a principal destaca-se das secundárias, achatada, na face inferior a nervura principal é proeminente, as demais pouco destacadas. Inflorescências paniculadas terminais, laxas, glabras 2,5 cm a 4,5 cm de comprimento, com 5 a 7 flores. Flores hermafroditas; pedicelos tênues de 1,0 cm a 1,5 cm de comprimento; bráctea (1) linear de 0,8 cm a 2,0 cm de comprimento, disposta na base do pedicelo; bractéolas (2) assoveladas de 0,4 cm a 0,7 cm de comprimento, geralmente dispostas na região mediana do pedicelo; hipanto turbinado com pequenas glândulas sésseis de 1,2 cm a 1,5 cm, 5 lacínios assovelados 7,0 mm a 10,0 mm de comprimento; pétalas 5, rubras, unguiculadas-espauladas de 0,8 cm a 1,3 cm de comprimento, no ápice mais ou menos 3,0 mm de largura e na base de 1,5 mm a 2,0 mm; estames 5, filetes de 0,5 mm a 8,0 mm de comprimento; anteras oblongas de 2,5 mm a 3,0 mm de comprimento; disco plano, levemente pulvinado. Fruto cápsula turbinada a subovada com 5,0 mm a 7,0 mm de comprimento, tubo do cálice com lacínios reflexos.

Tipo: Brasil: Rio Grande do Sul; Taimbesinho, São Francisco de Paula, Rambo 49389 (Isotypus, PACA).

Figuras: 04 e 06

**Distribuição Geográfica:**

*Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer é uma espécie pouco difundida, citada somente para o Sul do Brasil, mais precisamente para os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Geralmente é encontrada em solos rochosos de arenito e basalto, próximo a pricipícios de taimbés em altitudes próximas a 1.000 e 1.500 metros (KLEIN & REITZ, 1985).

No Rio Grande do Sul ocorre em rochedos junto às encostas íngremes ou depressões rochosas.

**Material Examinado:**

RS: Taimbesinho p. S.Francisco de Paula, in rupestribus ad barathrum: Rambo 49389, 18.12.1950 (PACA); Taimbesinho p. São Francisco de Paula, ad barathrum in rupestribus: Rambo 50074 (PACA); Taimbesinho p. S. Francisco de Paula, in rupestribus ad barathrum: Rambo 56801, 16.02.1955 (PACA); Serra da Rocinha p. Cambará do Sul, na mata: Mattos 17930, 29.11.1977 (HAS); Estação Experimental do IBDF, Pelotas, num capão: Mattos 23334 (HAS); Cambará do Sul: Silveira 1263 et alii, 24.05.1984 (HAS).

**Comentários:**

*Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer é uma espécie bastante distinta das demais espécies do mesmo gênero, principalmente pelo tamanho dos lacínios e pétalas.

O nome desta planta tem origem do grego *petra* (pedra, rocha) e *philein* (gostar de) que tem como significado que cresce entre rochas (KLEIN & REITZ, 1985).

Vulgarmente é conhecida como esponja-do-mato e escalônia.

Sua utilidade é como planta ornamental.

**Discussão e Conclusão**

Neste trabalho apresentamos o estudo taxonômico das 4 espécies do gênero *Escallonia* ocorrentes no Rio Grande do Sul, a saber *Escallonia bifida* Link & Otto, *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht., *Escallonia megapotamica* Sprengel e *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer.

Em relação à morfologia das plantas, concluímos que existem variações na forma do limbo como: oblongas, oblongo-lanceoladas, subovadas, obovadas, oblanceoladas, lanceoladas, cuneado-obovadas, ovado-oblongas,

existindo dentro de uma mesma espécie diferentes gradações quanto à forma do limbo.

A margem das folhas é serrada em *Escallonia megapotamica* Sprengel e *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer, levemente serrilhada em *Escallonia bifida* Link & Otto e lisa em *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht.

As faces das folhas na parte superior normalmente são glabras ou levemente pubérulas como em *Escallonia bifida* Link & Otto e *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht.; na face inferior algumas são glabras com pontuações resinosas ou glandulosas como *Escallonia megapotamica* Sprengel e *Escallonia bifida* Link & Otto ou tomentosa em *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht.

As inflorescências geralmente estão dispostas em panículas tirseóideas ou racemos multiflorais; as flores são hermafroditas.

O hipanto em todas as espécies é turbinado, sendo que em *Escallonia bifida* Link & Otto é 10-costulado e em *Escallonia megapotamica* Sprengel é 5-costulado. Em relação ao hipanto cabe-nos ressaltar que as medidas dadas ao mesmo neste trabalho incluem o tubo do cálice, enquanto outros autores consideram estas medidas separadas.

Quanto ao fruto as espécies estudadas apresentam fruto do tipo cápsula obovada-turbinada, com pequena variação em *Escallonia bifida* Link & Otto que apresenta fruto do tipo cápsula obovada-globosa.

*Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer diferencia-se das demais espécies pelo tamanho maior das folhas, pelos lacínios maiores e reflexos quando frutificadas. Esta espécie ocorre com menor freqüência no Rio Grande do Sul.

*Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht. caracteriza-se principalmente pela coloração verde-amarelado da folha, pela textura coriácea e pelo tomento na face inferior da folha.

*Escallonia bifida* Link & Otto apresenta ápice agudo ou retuso. É a espécie que ocorre com maior freqüência no RS.

Alguns autores separam *Escallonia megapotamica* Sprengel em 2 variedades var. *megapotamica* e var. *spiraeifolia*; nós preferimos não considerar o taxon infraespecífico por julgarmos necessários estudos genéticos e ecológicos.

Vários autores consideram o gênero *Escallonia* pertencente à família Escalloniaceae, nós optamos por considerá-lo na família Saxifragaceae, seguindo princípios propostos por SLEUMER (1968), que fez uma revisão completa do gênero na América do Sul e Central, bem como para as espécies cultivadas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, C.L.B. de & BARBOSA, V.P., Flora do Estado do Rio de Janeiro. Saxifragaceae gênero Escallonia Mutis ex L.f. **Bradea**, 9(2): 41-48. 1975.
- BAILEY, L.H., **The standard cyclopedia of Horticulture**. New York, The Macmillan Company v.1: 1144-1145. 1947.
- , **Manual of cultivated plants**. New York, The Macmillan Company. 469-487. 1961.
- BARROSO, G.M., **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Viçosa, Imprensa Universitária e Universidade Federal de Viçosa. v.2: 7-9. 1984.
- CABRERA, A.L., **Manual de La Flora de los Alredores de Buenos Aires**. Editorial ACME S.A. 236-237. 1953.
- CANDOLLE, A.P.DE, Saxifragaceae in **Prodromus Systematis Regni Vegetabilis** 4:1-54. 1830.
- CORRÊA, P., **Dicionário das Plantas úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas**. Minst. da Agricultura, Rio de Janeiro, 2:602-603. 1931.
- CRONQUIST, A., **An integrated system of classification of flowering plants**. Boston Houghton Mifflin Co. 558-560. 1981.
- EMRICH, K. & RAMBO, B., Flora riograndensis. *Lilloa* 14:101-131, f. 6-10. 1948.
- ENGLER, A., Escalloniae, in MARTIUS: **Flora Brasiliensis** 14(2): 130-147. pl 36. 1871.
- , Saxifragaceae, in ENGLER u. PRANTL. **Nat. Pflanzen**. 3(2a): 41-93, fig. 24-53. 1891.
- JOLY, A.B., **Botânica - Introdução à taxonomia Vegetal**. Ed. Companhia Editora Nacional. 360-363. 1987.
- KAUSEL, E., Revisión del género Escallonia en Chile. **Darwiniana** 10(2): 169-255, 9 pl. 1953.
- KLEIN, R.M & REITZ, R., Saxifragáceas in REITZ, P.R. **Flora Ilustrada Catarinense, Fasc. Saxi**. 1-44. fig.6. map.6. 1985.
- LAMARCK, M., **Encyclopedie Méthodique. Botanique**. Paris, Tome seconde 395-396. 1786.
- PEREIRA, E., Saxifragaceae, in Flora do Itatiaia. I. **Rodriguésia** 20 (32): 242-243. 1957.
- RAMBO, B., Estudos Botânicos em Sombrio. **Ann. Bot. Herb. Barbosa Rodrigues** 1: 7-20. 1949.
- , A flora de Cambará. Loc.cit: 111-135. 1949.

- , O elemento andino no Pinhal Riograndense. **Ann. Bot. Herb. Barbosa Rodrigues** 3:37-39. 1951.
- , Análise histórica da Flora de Porto Alegre. **Sellowia** 6:9-111. 1954.
- , História da Flora do Litoral Riograndense. Loc.cit.: 113-172. 1954.
- , Der Regenwald am oberen Uruguay. **Sellowia** 7:183-233. 1956.
- , A Flora Fanerogâmica dos Aparados Riograndenses. Loc. cit.: 235-298. 1956.
- RIZZINI, C.T., Flora Organensis. **Arq. Jard. Bot. Rio de Janeiro** 13: 115-243, f.8-9, 11-12, 14 fotos, 2 graf. 1954.
- SLEUMER, H., Neue Arten der Gattung Escallonia Mutis. **Wildenowia** 1(3): 341-344. 1956.
- , Die Gattung Escallonia (Saxifragaceae). **Verh. K. Akad., Afd. Naturke.** 58:1-146. 1968.
- STERN, W.L., Comparative anatomy and systematics of wood Saxifragaceae: Escallonia. **Bot. Journ. Linn. Soc.** 68:1-20. 1974.
- TIEGHEM, P.H.VAN., **Traité de Botanique.** Paris. Librairie F. Savg. 1509-1513. 1884.

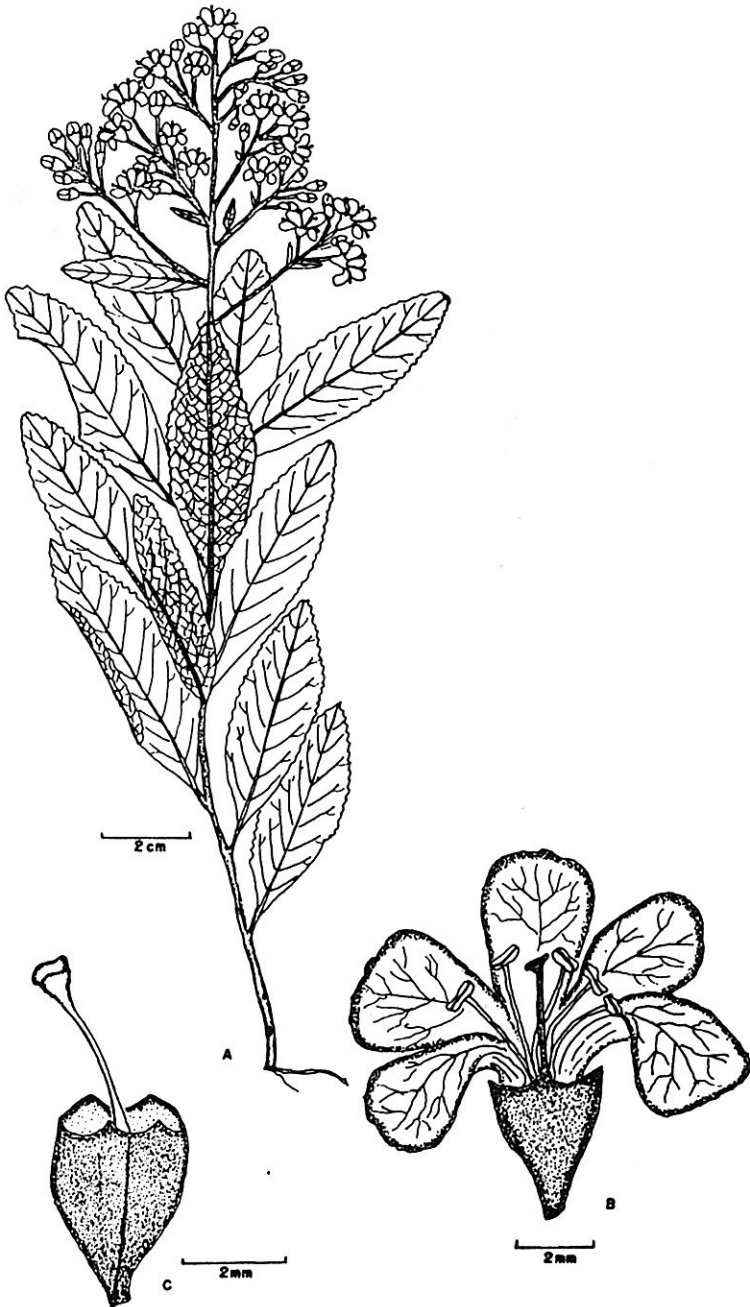
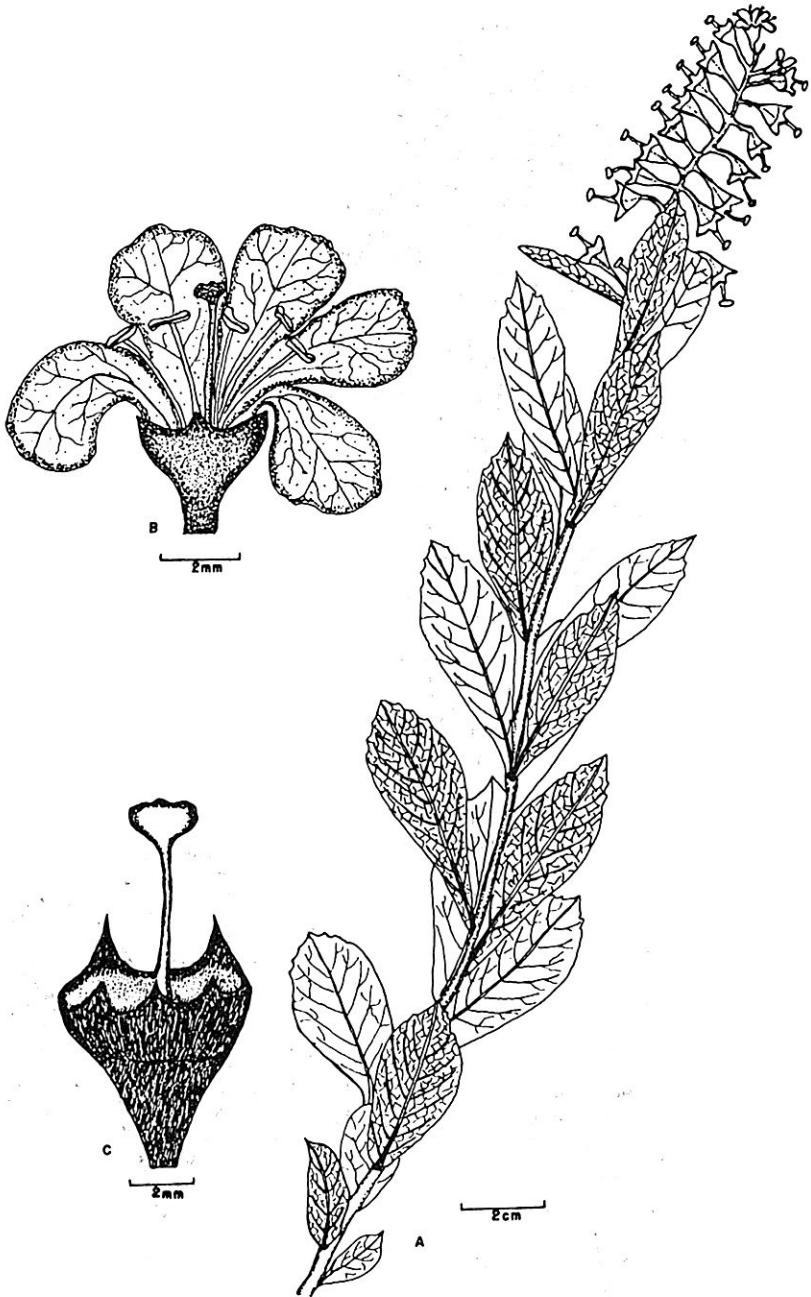


Fig. 01 - *Escallonia bifida* Link & Otto: A - Aspecto geral do ramo; B - Detalhe da flor; C - Detalhe do fruto.



**Fig. 02 - *Escallonia chlorophylla* Chamisso & Schlecht.: A - Aspecto geral do ramo; B - Detalhe da flor; C - Detalhe do fruto.**

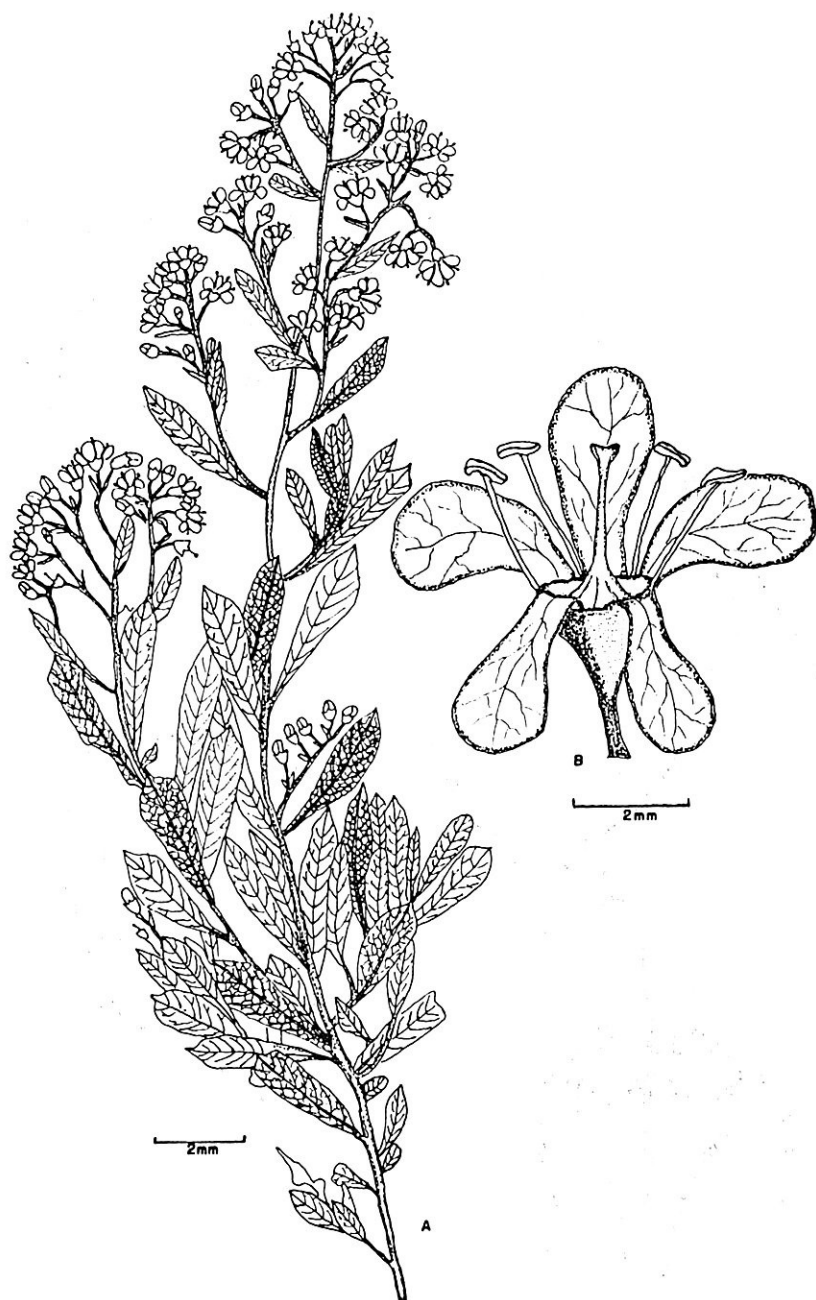
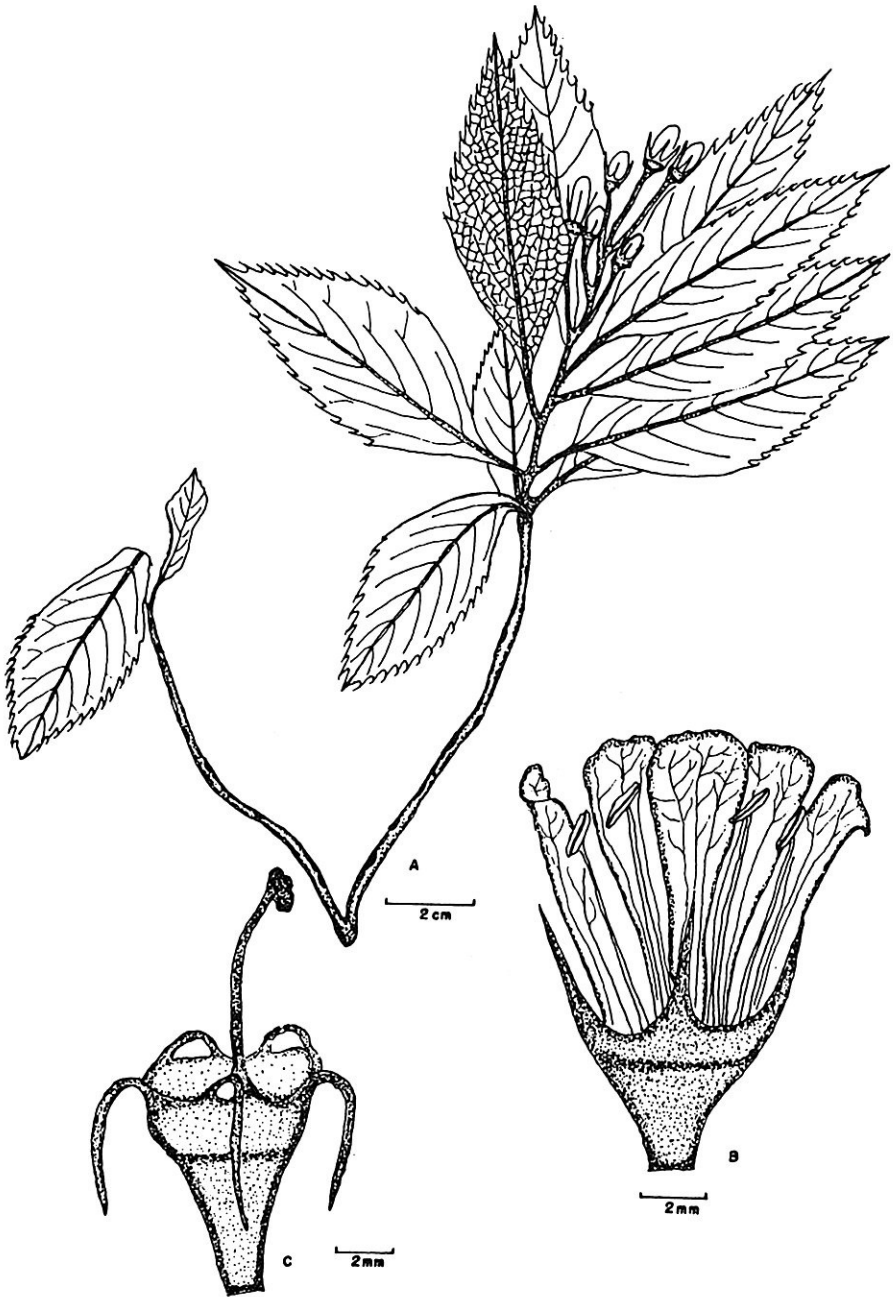


Fig. 03 - *Escallonia megapotamica* Sprengel: A - Aspecto geral do ramo; B - Detalhe da flor.



**Fig. 04 - *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer: A - Aspecto geral do ramo; B - Detalhe da flor; C - Detalhe do fruto.**



**Fig. 05 - Distribuição geográfica de: Δ *Escallonia bifida* Link & Otto; \* *Escallonia chlorophylla* Cham & Schlecht.**



**Fig. 06 - Distribuição geográfica de: ★ *Escallonia megapotamica* Sprengel; ● *Escallonia petrophila* Rambo & Sleumer.**